

Regina Carvalho *

Domingo de chuva. Sete horas da manhã. Ligo, como de hábito, o rádio na Itapema FM, e uma voz e um violão inconfundíveis ressoam pela casa: *dormir no teu colo/ é tornar a nascer/ outro ser/ luz do querer...* Sorrio com a satisfação e o afeto de quem encontra velho amigo, e digo, doce: - Bom dia, João.

Porque, afinal, é isso que somos, João Bosco e eu: velhos e grandes amigos. É verdade que sei muito sobre ele, e ele, quase nada sobre mim (o que há pra saber: nada, ou quase nada, pois não é?) É verdade que nos vemos muito pouco, e embora eu possa acompanhar sua carreira pela mídia ou por sua página oficial na internet (www.joaobosco.com.br), ele, com certeza, não estará lendo os jornais de Santa Catarina com os quais eventualmente colaboro. Sem contar que aquele projeto de blog fica sempre pro amanhã... Mas a celebridade é ele, devo reconhecer, com toda a humildade, e sou apenas a fã que estuda sua obra. Uma fã que tem recebido atenção quando o solicita, e precisa dela. “Com o respeito e o cuidado que merece!”, como diz ele, mineiramente... Uma fã meio crítica demais, meio exigente demais; e cuja opinião ele leva muito em conta. Assim mesmo, uma fã... e assumidíssima.

Não, não esqueci nosso começo inesquecível. Era 1972, e eu ouvia Elis Regina cantar, em seu último disco, recém-lançado: *a sala cala/ e o jornal prepara/ quem está*

na sala/ com pipoca e bala/ e o urubu sai voando/ manso... Ah, as velhas matinês de infância e adolescência, e o “urubu” da Condor Films. Meu Deus, que delícia! Quem foi que fez esta canção? Vou olhar e, pela primeira vez, leio os nomes que fariam história na MPB – João Bosco e Aldir Blanc.

A sua parceria foi uma parceria de sucesso, foram autores de uma canção que ficou na história do Brasil como o hino da anistia (“O Bêbado e a equilibrista”) e juntos fizeram mais de cem melodias. Um dia romperam, cansaram-se, sabe-se lá. Acontece. E nas melhores famílias.

Formado em Engenharia pela Escola de Minas de Ouro Preto, João Bosco iniciou sua carreira de compositor pelas mãos de Vinicius de Moraes, o poetinha, que fazia, em Ouro Preto, uma de suas famosas “curas”. O carioca Vinicius, como sempre, estava disposto a ouvir e contribuir com a formação de novos poetas e compositores, e junto com João acabou assumindo três ou quatro canções – o que significa que pôs letra em três ou quatro melodias do jovem estudante. Que era o que havia para lhe ser mostrado – e lhe pediu, com a doçura que lhe era característica, que trabalhasse mais... A mais conhecida delas é “Rosa dos Ventos”.

Na seqüência, veio a fase Aldir Blanc, com algumas – mas poucas – outras sociedades criativas; Paulo Emílio, Cláudio Tolomei, Guerra Peixe. Após o afastamento de Aldir, João teve uma fase do eu-sozinho, que é a fase à qual dediquei, majoritariamente, os estudos. A intenção era pesquisar a linguagem musical, eu não queria as variáveis acusadas pela parceria. Ficaria (e fica!) mais fácil, mais limpo o campo da pesquisa, ao se trabalhar apenas em cima de canções compostas por uma única pessoa – a melodia e a letra, formando uma unidade que alguns autores chamam de canção e eu, na época apelidei de texto-musical. E propus que se trabalhasse a canção como unidade, a partir de sua escuta, e não a letra no papel, como se fosse um poema. Há o caso dos poemas que são musicados, mas a letra feita para uma melodia não tem o mesmo tipo de acabamento, e acaba, injustamente, sendo vista como um mau poema.

Em entrevista recente, na TV Cultura, Aldir Blanc responde, ao lhe perguntarem sobre as várias versões que tentam explicar o afastamento dos dois: “Deve ser tudo isso somado, e mais alguma coisa. Ao mesmo tempo, João estava partindo pras onomatopéias dele, e me pareceu que não precisava mais de um letrista.” Chamar de onomatopéia o que João faz é uma tentativa afetuosa de explicação, mas também é, ao lado desse afeto e dessa certa jocosidade, e mesmo que sem intenção, um

desmerecimento, uma desqualificação. Aqueles sons, que o autor prefere chamar de “sonoridades”, vão em busca de algo mais simbólico, mais condensado, apesar de fugir à relação imediata entre significante e significado, usando a nomenclatura saussureana. A onomatopéia, ainda seguindo Saussure, é o vocábulo cuja relação significante X significante é menos arbitrária, já que o significante se aproxima sonoramente o mais que pode de seu referente. É indubitável que as sonoridades que freqüentam muitas vezes as canções-solo de Bosco e fazem refrões e finalizações em algumas canções feitas em parceria vão muito além disso...

O melhor exemplo do afirmado aqui é “Cabeça de Nego”, do CD do mesmo nome, em que as sonoridades se misturam a palavras soltas de canções e conduzem aos nomes e ao estilo e obra dos homenageados. São todos cantores e compositores negros que fizeram (um deles ainda faz) a glória e o esplendor da MPB. Ali aparecem Aniceto, Donga, Silas de Oliveira, Quelé – a Clementina de Jesus, Paulinho da Viola, Candeia, Pixinguinha, João da Baiana... E com isso – sonoridades, trechos, intertextos, melodização sugestiva, modulações de voz – João cria um jongo, mas não um jongo qualquer: um jongo à la João Bosco. A insuperável, porém é “Gagabirô”, de uma criatividade ímpar. A palavra não existe, ele a inventou, nada significa, mas a sua totalização na obra conduz ao nagô, numa homenagem comovente.

No seu excelente *Almanaque do Samba* (Zahar, 2006, p. 174), André Diniz vai declarar: “Compondo sozinho ou em parceria com Capinam, Antônio Cícero, Chico Buarque e Martinho da Vila, João mantém-se fiel a seus próprios argumentos, afirmando não querer vincular seu nome a gêneros ou estilos. Sua preocupação é em aperfeiçoar constantemente sua técnica.”

Essa é a razão de ser admirado por um grande grupo de curtidores de som que se apelidam, brincalhonamente, de “boscomaniacos”. Um jovem diria que João fica na dele: faz o que acha que deve fazer, trabalha no que acha que é relevante, deixa que as coisas se façam e aconteçam no seu devido tempo, numa conjunção de acaso e de maturidade. Não sai desesperado em busca de divulgação, de aparecer, de estar na lista dos 10 mais. É uma atitude que evita a angústia de ter que estar sempre na crista da onda, mas, apesar disso, está. Não se preocupa em ditar as regras do que se vai ouvir em MPB, de ser um papa da música popular, mas é sempre uma referência. World Music é o que ele gosta de dizer que faz. A sua sonoridade é universal, sem dúvida. Mas sua música, ah, meninos, vamos ser sinceros: é sempre brasileira.

Defendi minha dissertação de mestrado (*O amor e o amendoim – características poéticas da obra-solo de João Bosco*, UFSC, 1994) e, de lá para cá, muita coisa mudou. Se se fizerem as contas, estudei a obra toda, fiz duas ou três entrevistas com ele, assisti a todos os shows que pude, durante três anos, a partir de 1991. São portanto, pelo menos 15 anos acompanhando sistematicamente sua produção, sem contar os anos anteriores, de ouvinte prazerosa, mas descompromissada. E sempre com admiração, com respeito, com imenso prazer – cada vez mais fã. Fã diferenciada, sem dúvida, mas sempre uma fã.

E devo confessar que quando falo disso, ou que, como agora, retomo meus estudos sobre ele para um livro – não a dissertação veja bem, mas outra coisa – ouço a mesma pergunta: Por que não o Chico? Segundo Millôr, Chico é a única unanimidade nacional, e entendo isso. Também adoro as coisas do Chico. Mas acho tremendo desrespeito para com o artista escolhido e para comigo, meus critérios, minhas razões, meu gosto – que é sempre tão louvado. E essa é uma pergunta que me põe bastante zangada. Minha zanga, ao longo desses anos todos, passou por três fases diversas.

A primeira foi a zanga explícita – tenho pavio curto, queimo fácil, fácil. E eu respondia, bem danada da vida: “Se gostas tanto do Chico, por que não fazes tu um estudo do Chico?” Ou, em tom de pouco caso, nada justo para coma genialidade do Chico: “Tá todo mundo fazendo Chico”, o que não deixava de ser verdade embora, no primeiro momento, só houvesse sido defendida a tese da Adélia de Meneses na USP, sob orientação do Antonio Candido. A segunda fase, alicerçada na quase certeza de que quem faz uma grosseria dessas é, além de mal-educado, ignorante em MPB, da qual só conhece – e provavelmente não muito bem – o próprio Chico, foi aquela em que eu respondia com outra pergunta: “E por que não Paulinho da Viola? E por que não Geraldinho Azevedo? E por que não Cartola? E por que não Adriana Calcanhoto? E por que não Egberto Gismonti? E por que não Dolores Duran? E por que não Elton Medeiros?...” e era capaz de ficar um tempão enumerando os grandes nomes que temos, para felicidade nossa.

Atualmente achei a explicação exata, a que mais me satisfaz, porque diz melhor aquilo que me fez optar por João Bosco, além das compatibilidades pessoais, geracionais, afetivas todas: “Vamos usar critérios da literatura. Assim como, por exemplo, García Márquez, Chico Buarque é um best-seller de qualidade. Faz uma obra de qualidade, agrada todo mundo, é maravilhoso isso. Mas João Bosco... ah, João Bosco é um Guimarães Rosa.”

Vamos e venhamos: Guimarães Rosa não é pra qualquer um, e espero que ninguém se ofenda com tal declaração. É um autor genial, mas difícil. Mineiros os dois, João os dois, e cada um vivendo em busca de sua perfeição, na forma perfeita de dizer aquilo que se têm/tiveram proposto dizer.

Hoje, João Bosco faz shows para divulgar seu primeiro DVD, *Obrigado gente*, no qual, aos 60 anos de idade, faz uma retrospectiva de sua carreira. E seus shows, quer seja João-banquinho-violão, como foi no Teatro Juarez Macahdo, em Joinville, quer seja com banda, como foi no CIC, em Floripa, é absolutamente perfeito. Ao mesmo tempo, prepara Cd com a nova produção, que inclui, entre outras parcerias, a retomada daquela histórica, com Aldir Blanc. Fizeram as pazes por obra e graça de Chico Bosco, filho de João, ótimo poeta, ótimo letrista, ensaísta da *Cult*, doutorando em teoria Literária, que, com o pai, fez coisas lindas como “Mama Palavra”, “Malabaristas do Sinal Vermelho” e a engraçadíssima “Benzetacil”, para dar uns poucos exemplos. Pois Chico Bosco falou com um, amaciou o outro, aparou as arestas, e conseguiu que retomassem a antiga amizade, agora temperada pela maturidade e pela experiência de vida. E Aldir fez um samba em que, brincando com o parceiro, vai dizer: “ou eu gripo, ou eu canto”, pois sem dúvida João é o ser mais gripável que se conhece...

A nós, seus fãs, os boscomaniacos, só nos resta esperar, na maior paciência, que um outro apagão aéreo não atrapalhe sua vinda.

*** Escritora, professora aposentada do Jornalismo/UFSC, cronista do Jornal a Notícia, de Joinville.**

(Publicado no Caderno *Variedades*, do *Diário Catarinense*, de 7/4/2007. p.2 e 3)